

APRESENTAÇÃO

DIAMANTINO PEREIRA

É muito disseminada a noção de que a única possibilidade real de apreensão da realidade deveria ser através do conhecimento científico e, mais que isso, que a ciência seria a própria realidade e que suas leis regeriam o movimento de forma invariável e indiscutível.

Essa noção transformou-se em senso comum, ganhou raízes culturais no inconsciente coletivo a ponto de muitas elaborações teóricas, para alcançar os status de verdade inelutável e de aceitação social, não prescindem de ver colocadas nos seus rótulos de que se trataria de uma elaboração “científica”. Caso contrário correríamos o risco de pensar que estaríamos perante uma elaboração que poderia não ter os seus princípios muito atados à realidade com a qual a própria ciência quis se confundir.

A concepção de ciência que denominamos de clássica e que se funda no cartesianismo, tem esse como um de seus mais caros princípios. O seu questionamento foi ocasionado pela própria evolução da ciência, quando deparou com problemas para cuja resposta foi necessário repensar os próprios paradigmas em que se baseava o conhecimento científico, como afirmam (Prigogine & Stengers, 1991).

O questionamento a essas premissas leva a outras, propondo, por exemplo, que consideremos nossas teorias científicas “*basicamente como modos de olhar o mundo como um todo (isto é, como visões de mundo), e não como o conhecimento absolutamente verdadeiro de como as coisas são*”. (Bohm, 1992)

Assim não se confundem os olhares e a realidade e o científico passa ser apenas um desses olhares e mesmo que seja privilegiado não é a própria realidade e nem o único olhar. A ciência em sua evolução multiplicou seus olhares e, nas suas subdivisões em ramos especializados, passou a propagar a ilusão de que

esses olhares fragmentados representariam a realidade tal qual ela efetivamente é. Mas “*é ilusória a noção de que os fragmentos existem separadamente, e essa confusão não faz outra coisa senão levar a um conflito e a uma confusão infundáveis.*” (Bohm, 1992). Qualquer elemento contém dentro de si a totalidade e esta inclui tanto a matéria como a consciência e as reflexões que são feitas a respeito dela.

O fragmento, a especialização só adquire sentido quando se incorpora à totalidade da qual ela faz parte. Quando se observa a realidade de forma disciplinar, ou seja, a partir dos diversos ramos em que o conhecimento científico se dividiu, devemos ter claro que a fragmentação é produto de nosso olhar e não da própria realidade.

Para Bohm, portanto, o objeto de cada ciência ou disciplina é exatamente o mesmo, ou seja, a realidade que pode ser observada por diferentes olhares. Se a diferença não está, pois, no objeto sobre o qual se debruça o olhar da ciência, talvez ela possa ser encontrada na ação do sujeito que observa essa realidade. Assim, a caracterização de cada um dos ramos em que se dividiu a ciência esta ligada ao tipo de dúvida ou o que o sujeito quer desvendar no interior da totalidade que é a realidade.

Nessa perspectiva, os objetos específicos de estudo de um dos ramos em que se partilhou o conhecimento não se definem por seu próprio conteúdo, mas podem se estender por todos os elementos que quisermos analisar pelo viés de cada disciplina ou pelo menos na tentativa de “romper o caráter estanque das disciplinas” (Pombo, 2004) fazendo com que os olhares disciplinares possam interagir, reagindo dessa forma à imposição de “demarcação de cada objeto particular, constituindo a propriedade privada desta ou daquela disciplina” (Japiassu, 1976).

O Programa de Pós Graduação em Mudança Social e da Participação Política (ProMuSPP) se caracteriza por sua natureza estritamente interdisciplinar e considera que “mais fecundo do que delimitar espaços de significação intransponíveis, será reconhecer a natureza continua de um processo de crescente integração disciplinar”. (Pombo, et al., 1993)

Por conta dessa concepção interdisciplinar, poderão ser observados no conteúdo deste livro temas variados, mas articulados com a área de concentração (Mudança Social e da Participação Política) com abordagens diversificadas e buscando ampliar as fronteiras dos olhares disciplinares.

Veremos então, que a Dimensão Sócio ambiental está presente nos três primeiros artigos “Território de direitos: abordagens interdisciplinares para a media-

ção de conflitos socioambientais entre comunidades tradicionais e unidades de conservação”, “Ideologia, memória coletiva e fetichização na construção social do mito da sustentabilidade” e “Agriculturas, ambientes e sociedade”.

A participação política e os processos de mudança social são contemplados pelo grupo a seguir: “Movimentos de moradia: deslocamentos dos antagonismos de classe na sociedade da ação direta do capital”, “Teorias deliberativas na literatura internacional e olhares sobre a participação”, “Atos de cidadania: atuação política dos imigrantes no município de São Paulo”, “Comunicação de riscos nos municípios do vale histórico paulista. Experiências de participação social para adaptação e redução das vulnerabilidades em áreas urbanas” e “Transversalidade na prática em política pública: a implementação do programa transcidadania em São Paulo”

O processo educativo está presente neste conjunto, também com uma diversidade de objetos e abordagens: “Mudança social, educação e cidadania: aproximações pós-críticas e pós-estruturalistas”, “A formação de professores para ensinar alunos com tea: uma análise a partir do enfoque histórico-cultural”, “A investigação baseada nas artes ou o arts based research como estratégia de investigação” e “Contribuições de dissertações do mestrado em mudança social e participação política para a teoria do desenvolvimento socioeconômico”.

A dimensão social em escalas e dimensões diversas comparece em associação com atividades esportivas nos capítulos “Jogando com as ruas: sobre o futebol de classe da oficina do chá do padre e do corote & molotov” e “As contradições de uma nação subdesenvolvida, o Brasil dos megaeventos esportivos: a espetacularização da favela”.

A dimensão social ainda é levantada no capítulo “Redemocratização brasileira e a proteção dos direitos humanos da criança e do adolescente” e sua articulação com o turismo no “Programa “turismo do saber”: uma experiência brasileira de turismo social”.

BIBLIOGRAFIA

Bohm, D., 1992. *A totalidade e a ordem implicada*. São Paulo: Cultrix.

Gusdorf, G., 1990. Les Modeles epistemologiques dans les Sciences Humaines. *Bulletin de Psychologie*, Volume 18, pp. 858-868.

Japiassu, H., 1976. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.

Pombo, O., 2004. *Interdisciplinaridade e integração dos saberes*. Porto Alegre, s.n., p. 9.

Pombo, O., Levy, T. & Guimarães, H., 1993. *A Interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Lisboa: Texto.

Prigogine, I. & Stengers, I., 1991. *A Nova Aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: Universidade de Brasília.